O Renegado a António Rodrigues Sampaio: carta ao Velho Pamphletario sobre a perseguição da imprensa

António Duarte Gomes Leal

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O Renegado a António Rodrigues Sampaio: carta ao Velho Pamphletario sobre a perseguição da imprensa

António Duarte Gomes Leal

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Nota de editor: Devido à existência de erros tipográficos neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Mar. 2009)

O RENEGADO

GOMES LEAL

O

RENEGADO

A ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

CARTA AO VELHO PAMPHLETARIO

SOBRE A PERSEGUIÇÃO DA IMPRENSA

LISBOA

TYPOGRAPHIA--Largo dos Inglezinhos, 27

1881

A

MANUEL DE ARRIAGA

Eu bispo d'outra diocese... Guilherme Braga

«Antonio Rodrigues Sampaio, do meu conselho, par do reino, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino. Amigo, eu El-rei vos envio muito saudar como áquelle que amo.

Tendo na mais elevada estima os reconhecidos merecimentos que concorrem na vossa pessoa, e que haveis manifestado no honroso e illustrado desempenho dos mais altos cargos do estado, e em differentes e importantes commissões de interesse publico; e querendo por estes respeitos e pelo subido apreço em que tenho os vossos distinctos e revelantes serviços prestados á dynastia, ás instituições, á causa publica e á liberdade, conferir-vos um testemunho authentico da minha real consideração: hei por bem nomear vos commendador da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, e elevar-vos conjunctamente á dignidade de gran-cruz da mesma ordem.

O que me pareceu participar-vos para vossa intelligencia e satisfação, e para que possaes desde já usar das respectivas insignias, vos mando esta carta.

Escripta no paço de Cascaes em 28 de setembro de 1881.--El

Rei.--_Antonio José de Barros e Sá_.

Para Antonio Rodrigues Sampaio, do meu conselho, par do reino, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino».

* * * * *

Já que El-Rei, teu Senhor--contra a sua Mãe cara,
assim te premiou a ensanguentada offensa,
eu, um Juiz tambem--Juiz d'uma outra vara,
contra ti, velho Reu, lavrei esta sentença:

I

Eis-me em frente de ti, velho urso na caverna--
Eis-me em frente de ti erguendo uma lanterna,
lanterna que accendi na grande escuridão
sobre a plebe açoutada, erguendo a minha mão,
lanterna que accendi n'esta éra ensanguenta,
lanterna que accendi, como em sinistra estrada
por causa dos ladrões perdido viajante.
Eis-me em frente de ti, eis-me de ti deante
cheio d'odio, rancor, com asco, sem respeito,
perguntando-te, ó Velho--Onde está o Direito?
O que fizeste ao Povo, á Consciencia, ao Brio?
Onde está o Pudor, rude ancião sombrio?
Quem és? Quem és? Quem és?... velho cheio de fel.
Onde está ó Cain o teu irmão Abel?

Quem és? Quem és?... Ó gloria, ó nome hoje avitado?

Tu foste a Alma do Povo--hoje és um renegado.
Eu sou a voz do humilde e d'esses maltrapilhos,
d'esses rotos e nus a quem mandaes os filhos
ás palhas da enxovia em vez da luz da escóla.
Eu sou a voz de baixo, eu sou o mar que rolla
toda uma orchestra d'ais, um mundo de lamentos
maior que a voz de Deus, e a voz dos grandes ventos,
Sou a voz que maldiz, o pranto que suspira.
Trago na minha mão a lampada da Ira.

Eu sou esse rebelde herege, extraordinario
que chamo ao biltre um biltre, e a ti um latrinario,
que préguei n'este tempo ás turbas assombradas
a União e o Direito, e fui pelas estradas
como S. Paulo foi na noute de Damasco,
armado do Rancor, cheio do grande asco
contra os Escribas vãos, os sordidos judeus,
sem ver fender-se a terra, ou ver-se abrir os ceus.
Nós hoje--os infieis--não cremos nos milagres.
Não me importa que tu, ó Velho, me consagres
o epitheto brutal de herege ou de maldito.
Eu sou o Pranto e o Odio! Eu sou o Ai e o Grito!

Eu sou a voz da turba extranha e inominada
que uma vez é soluço, outras a gargalhada
que chamam _povileu_, a plebe envilecida,
n'uma éra de sangue, uma éra fratricida
riscada por um sol velho e sanguinolento.
Eu sou o que Marat chamou o Soffrimento.

Sou o que Ezechiel chamou Rebellião.
Eu sou a voz do Pó, eu sou a voz do Chão.
O que alguns chamam Zero, os outros chamam Charco.
Ando a erguer uma Ponte, e a abrir um grande Arco.

Em nome pois do Povo, o velho e antigo cedro,
sangrento como a cruz, e a quem como S. Pedro
tens renegado sempre, ó sordido traidor,
em nome da sua ira, e em nome do suor
que elle verte a chorar, na Terra, o chão antigo,
que faz córar a rosa e rebentar o trigo,
em nome dos seus mil cuspidos sacrificios
do seu Calyx, da Cruz, da Esponja, dos supplicios,
das suas mães sem pão, seus filhos no abandono
como um farrapo velho e como um cão sem dono,
em nome da Miseria, em nome da Innocencia
de tudo que ha de humano e grita na Consciencia,
em nome do Direito, em nome d'esta Penna,
escuta a minha voz, a voz que te condemna
Tu foste n'outro tempo um homem justo, um crente,
forte, obscuro, plebeu, filho da santa gente
da plebe que trabalha, e com as mãos possantes
sabe arrancar da terra as eiras e os diamantes,
d'essa raça animal dos grandes infelizes
que são na sociedade assim como as raizes
que em quanto estão no chão, na solidão, no escuro,
dando a seiva e o vigor ao tronco bem seguro,
vivendo humildes sempre, obscuras, silenciosas

--estão as folhas no ar, altivas, gloriosas,
olhando para o azul sereno das espheras,
todas cheias de flor nas verdes primaveras,
sendo a gloria da leiva, a sombra dos caminhos,
tendo as bençãos do Sol e os canticos dos ninhos.

Sim, tu foste um plebeu--da raça antiga e rude,
que trabalha no escuro assim como a Virtude.
Sim, tu foste um plebeu--raça obscura e sem luz,
d'onde eu tambem saí, e d'onde vem Jesus.

Mas tu velho sem fé, mordeste-a como um cão.
Atraiçoas-te-a, sim, e riste como Cham
se riu do velho Pae dormindo n'um caminho!
Sê maldito como elle, e seja o teu espinho
o teu espinho eterno, o teu atroz tormento,
ouvir-lhe sempre os ais e as maldições no vento!...
Tu tinhas a teu lado outr'ora os homens fortes
das Alas do Dever, todas as sãas cohortes
dos grandes corações, ferreos, e verdadeiros,
que trabalham na sombra assim como os mineiros,
a lampada na mão augusta da Verdade,
para arrancar do lodo o ouro da Liberdade.
Tu tinhas a teu lado os corações valentes
dos heroicos plebeus, todos fortes e crentes
todos filhos, como eu, da Plebe, nossa mãe!...
Mas tu, Velho sem fé, mas tu plebeu tambem,
que ambicionavas já as pompas gloriosas,
sentiste o asco e o horror d'aquellas mãos callosas

que trabalham por nós noutes, dias inteiros,
na officina, no val, nas minas, nos outeiros,
e quizeste antes ser hoje o leproso Reu,
de que ser como eu sou--simples, leal plebeu.

Vergonha sobre ti que tanto te abaixaste!...
Vergonha sobre ti, Velho, que profanaste
a fronte d'ancião, a auréola sagrada
que seria por nós mais do que idolatrada,
teus louros de escriptor, teu gladio justiceiro,
terrivel como Deus, teus louros d'homem puro
para os lançar, ó Velho, ao charco d'um monturo!
Vergonha sobre ti e os teus cabellos brancos!
Vergonha sobre ti que como os saltimbancos
foste lançar teu nome ao vento d'uma feira!
Vergonha sobre ti, que como uma rameira
que vende os seios nus em sordida estalagem
ao cobre do quartel e ao rir da marinhagem,
em quanto a mãe talvez jaz sobre um catre morta,
e o archanjo do Pudor geme e soluça á porta,
foste vender a honra ao ouro d'um senhor.
Vergonha em teus laureis, e sobre ti traidor
que quizeste antes ser rico, ministro, e nobre,
do que ser um _ninguem_--puro, plebeu, e pobre.

Vergonha sobre os vis apostatas da Idea
que negam como Pedro o fez depois da ceia
na noute de Sião, o Ceu e Deus trez vezes!
Vergonha a quem entrega o Povo como as rezes,

que levam a matar, balando, ao matadouro!
Vergonha a quem trocar seu nome pelo ouro,
sua aureola santa e seu brasão de gloria
por um titulo em vida--e um pontapé da Historia!

Vergonha sob vós apostatas rafeiros
que vendeis vosso deus pelos trinta dinheiros
por que Judas vendeu esse de Nazareth!
Vergonha sobre vós, apostatas sem fé
messias sem pudor que andaes pelos caminhos
prégando aos corações, embebedando em vinhos
de gloria e de ideal, e que depois ao Povo
esse sublime Ancião de peito sempre novo,
o rafeiro infeliz de todos os Tiberios,
açoutado de Deus, dos reis e dos imperios,
mas que sempre enxotado--á chuva, ao vento, em pranto,
leva sempre o seu deus nas dobras do seu manto,
esse banido Ancião de todas as nações
a quem vós atiraes á lucta e ás sedições,
mas que um dia deixaes na beira d'um caminho,
como um cego sem guia, esqualido, sosinho,
n'um nocturno temporal, a errar de porta em porta,
voltando embalde aos ceus sua pupilla morta.

Vergonha sobre vós, ó vendilhões do templo!
Vergonha sobre ti, que eu marco, para exemplo
de todos esses vis messias das viellas,
mais vis do que ladrões, mais vis do que as cadellas,
que vão vender aos reis as suas convicções!...

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com